

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

033

Um assalto e cinco mortes

Ocorrido há mais de cem anos, ataque de quadrilha a uma casa de câmbio no coração da Capital ficou conhecido como a "Tragédia da Rua da Praia"

O comércio está abrindo as portas, às 8h15min da manhã de 5 de setembro de 1911.

Faz frio, o inverno não cede vez à primavera. Três estampidos quebram a rotina plácida. O som vem do interior da casa de câmbio Marccondes Maia, na Rua da Praia nº 201.

Os clientes que se barbeiam em dois salões próximos, o Brasil e o Luso-Brasileiro, são os primeiros a sair à rua. Espantam-se ao contemplar uma cena só vista no cinema e nunca imaginada ali tão próxima.

Quatro homens, com armas nas mãos, ameaçam quem lhes dirige o olhar.

Estendido no chão, o corpo ensanguentado do funcionário Alcides Brum. O proprietário da casa de câmbio, Virgílio d'Oliveira Albuquerque, está chegando numa charrete.



A capital gaúcha tem pouco mais de 100 mil habitantes.

E toda a primeira página do jornal O Diário é dedicada ao episódio, com uma grande manchete, "A tragédia da Rua da Praia":

"Crime como o que hoje se consummou, só os annaes criminológicos das grandes capitais registram".



Os assaltantes levam, da vitrina da casa, tudo o que ali havia: libras esterlinas, papel moeda, joias.

E começa uma fuga também incrível.

Populares passam a gritar "pega ladrão" e, aos poucos, forma-se um grande grupo no encaço.

Assaltantes e perseguidores correm pela Rua Uruguai até chegar à Praça XV. Ali, os quatro tomam do cocheiro Miguel Pedro da Silva o seu "carro de praça" e saem com a carruagem em disparada pela Voluntários da Pátria, desviando as carroças dos comerciantes, até esbarrar numa delas.

Está vindo para o centro o bonde 35 da linha Navegantes. O motorneiro Rogério Petinelli, ao chegar à esquina da Voluntários com a Rua da Conceição, vê quatro homens atirando para o alto, à frente da turba que os persegue.

Acelera para intimidá-los. Mas os quatro saltam para o interior do bonde e um deles coloca o revólver na sua nuca, e manda-o inverter a direção.

O bonde retorna. Na esquina da Rua do Parque, Petinelli provoca o seu descarrilamento.

Na etapa final da fuga, os quatro homens tomam a carroça do leiteiro Alberto Botaro, até se embrenharem nos matos e banhados da várzea de Gravataí.

A polícia demora a se organizar e isso provoca críticas severas da população e da imprensa oposicionista.

O jornal A Reforma comenta: "...é a polícia que o comércio subvenciona e o povo sustenta para que suas casas sejam saqueadas em pleno dia na artéria principal de Porto Alegre".

São reunidos, aos poucos, dezenas de policiais e homens da Brigada Militar. Eles vão formando um cerco. Um cerco quadrilátero, explicam os jornais.

E, depois de uma longa vigília, aproximam-se dos quatro assaltantes russos. Sim, eram russos, soube-se depois.

Abriados atrás de uma enorme figueira, responderam ao ataque com tiros de arma de repetição.

Há quem tenha calculado em centenas os disparos.

Ao final, a figueira está crivada de balas.

E quatro corpos boiam sobre os charcos.

Alcides Brum, da casa de câmbio, agoniza, quando o comando da polícia decide por uma providência inesperada e inusitada: os quatro corpos são colocados, enfileirados, na ambulância da Assistência Municipal, e conduzidos, em desfile, desde a várzea de Gravataí até o centro da cidade.

Festeja-se a vitória da polícia sobre Alexander Graubergger, Stefan Sedoreski, Pablo Pavlovski e Feodor, de sobrenome não identificado.

Milhares de pessoas acompanham o cortejo e outras tantas acorrem às portas e janelas das casas. Todos aplaudem.

Há uma mórbida excitação popular.



O episódio muda a cidade.

Há uma corrida às casas de armas e uma delas vende, em três horas, o dobro de todo o mês anterior.

Os corpos dos quatro russos – três deles vindos da Argentina havia cerca de dois meses – são enterrados de madrugada. Alcides Brum não resiste aos ferimentos e, por ser tenente, é sepultado com a farda da Guarda Nacional.

– Essa história dá uma fita – dizem Umberto e Nicola Petrelli, proprietários do Teatro Colyseu.

Está de passagem pela cidade o cinegrafista italiano Guido Panello.

Resultado: a 15 de setembro, o Colyseu, lotado, exhibe o filme de 17 minutos, com cenas reais e encenações:

"A tragédia da Rua da Praia".



Curiosos se aglomeraram no cenário do crime que mudou a rotina de uma cidade com pouco mais de 100 mil habitantes, no início do século passado



Alcides Brum

O crime

Vítima:
Alcides Brum

Época do crime:
Setembro de 1911

Cidade:
Porto Alegre

Autores do crime:
Quatro assaltantes de origem russa

Motivação:
Financeira



Jornal O Diário dedicou a capa para revelar os detalhes do assalto